

Criando filhos em tempos difíceis

**Atitudes e brincadeiras
para uma infância feliz**

Elizabeth Monteiro

CRIANDO FILHOS EM TEMPOS DIFÍCEIS
Atitudes e brincadeiras para uma infância feliz
Copyright © 2002, 2013 by Elizabeth Monteiro
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Editora assistente: **Saete Del Guerra**
Capa: **Buono Disegno**
Imagem de capa: **vitamasi/Shutterstock**
Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Summus Editorial
Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.summus.com.br>
e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3873-7085
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário



Prefácio <i>Mônica Figueiredo</i>	› 9
Apresentação <i>Gabriela Saraiva</i>	› 11
Introdução	› 13
1 Brincar para quê?	› 19
2 O bebê	› 25
3 A criança	› 39
4 Brincadeiras fáceis e divertidas	› 49
5 A educação	› 67
6 A criança agitada	› 83
7 A criança do contra	› 97
8 A criança medrosa	› 109
9 A sexualidade da criança	› 115
10 Dificuldades de aprendizagem	› 121
11 A criança doente	› 129
12 Drogas	› 147
13 A mãe	› 151
14 Os avós	› 163
15 Mudanças	› 169
Referências bibliográficas	› 171
Vídeos recomendados	› 173

Prefácio



NÃO POSSO EMPRESTAR meus livros da Betty Monteiro pra ninguém. Simplesmente porque eles viram uma espécie de “caderno de notas/diário” muito pessoal e absolutamente intrasferível, e duvido que outra pessoa, sem ser esta que vos fala, consiga entender. Vou lendo e delirando. Lendo e grifando. Lendo e rindo, chorando, tomando susto. E aí risco, anoto, grifo de novo, destaco um parágrafo, “discuto” com outro, coloco post-its de várias cores em várias páginas para me lembrar de futuras pausas, de coisas que me levam a outras, recados que quero mandar, máximas das quais não posso me esquecer, enfim... Vou lendo e invariavelmente aprendendo, feliz de existir no mundo e ao nosso alcance uma pessoa como ela, com a generosidade dela em dividir conosco tantos mundos e tantas vidas.

Os livros da Betty! Ah, os livros da Betty... Uma aula de vida, sim. Sempre desconcertantes, na sua absoluta falta de vergonha e de pudor de dizer sem medo nenhum absolutamente tudo o que pensa. Sem medo de se expor. Elegante, elegantíssima. Certeira, invariavelmente. Não teme os assuntos complicados e trata tudo de uma forma muito dela, maravilhosa, encantadora, firme e doce. E o melhor: como toda pessoa muito inteligente, com humor. Não o humor “cômico” dos humorísticos de TV, mas o humor profundo de quem sabe que a vida é muito maior do que os pequenos problemas do dia a dia que tanto nos consomem.

Temos uma coisa em comum muito forte. Nós da editora da revista *Pais & Filhos* – em todas as suas plataformas (sites, Facebook etc.) – e ela acreditamos piamente que é possível criar famílias felizes. Sim, sim, sim, é possível criar filhos felizes. Ainda hoje, nesses tempos difíceis em que vivemos. Também temos em comum passar essa convicção para os que nos cercam, como uma missão. Trabalhamos para isso.

Este livro é a prova.

Depois de ler e mais uma vez rabiscar o livro inteiro, não tenho a menor dúvida. Além de nos ajudar muito, nos pegando pela mão, orientando, alertando, acolhendo, explicando, este livro é na verdade uma imensa declaração de amor. E isso é o que me comove. E o que faz diferença. Tem coração nas coisas que a Betty faz. Um coração gigantesco.

Só acredito nas coisas feitas assim, com muito amor. Esse que a Betty nos mostra aqui. Amor à vida. Amor à continuidade da vida. Amor ao outro. Amor ao trabalho (ele em si e ao trabalho danado que dá viver!), amor à construção da família. Amor tão grande que sobra para nós.

Obrigada, Betty.

Demorei pra te conhecer. Mas, agora, você está frita: não te largo mais!

E você, prepare-se. Depois de ler este livro, a sensação de que “sim, a gente pode, a gente consegue” não nos abandona mais. Não precisa dizer mais nada, precisa?

Mônica Figueiredo

Mãe da Antonia, jornalista e diretora
editorial da revista *Pais & Filhos*

Apresentação



ELIZABETH MONTEIRO TEM MAIS de 40 anos de trabalho dedicado às crianças.

Começou como professora do ensino fundamental, depois se tornou pedagoga e psicóloga. Atualmente atende em consultório e ministra cursos e palestras pelo Brasil.

Agora, reedita, com muitas atualizações, o seu primeiro livro, projeto que só foi possível após anos de estudos e centenas de casos atendidos. O objetivo? Ajudar-nos a entender as nossas crianças.

Eu a conheci no início de nossa primeira especialização. Experiências novas todos os dias. Desafios, batalhas, conquistas, derrotas e nós, sempre juntas, percorrendo um caminho de que, só mais tarde, reconheceríamos o valor. Trabalhamos, brincamos, rimos, choramos, discutimos, discordamos, concordamos e sempre nos apoiamos. Aprendemos e nos ensinamos muito. Crescemos.

Sinto que tudo que penso e faço hoje é reflexo do que vivemos juntas nesses meus 38 anos de vida.

Eu, ela, meu pai e pouco a pouco os meus três irmãos mais novos.

Que vida!

Lembro-me dela gritando: “Acorda, criançada! Vamos passear!” Dos cafunés gostosos, da luta livre no tapete, das caçadas no meio do mato, das cantorias noturnas no sítio.

Das caras e bocas, da parede do quarto que eu podia rabiscar!
Dos limites...

Hoje, estampo na face o sorriso que aprendi com ela. O espírito de criança feliz e a alegria de saber viver brincando. Elizabeth Monteiro: pedagoga, psicóloga, escritora e, principalmente, minha mãe.

Agradeço todos os dias por ser sua filha.

Gabriela Saraiva

Publicitária, radialista, jornalista e atriz

Introdução



MEU INTERESSE EM TRABALHAR com crianças se deve à alegria que sinto ao brincar e a quanto elas me ensinam a entender e a simplificar muitos aspectos da vida.

Minha infância não foi fácil, mas tive a felicidade de passar os melhores momentos dessa fase em um pequeno sítio de minha família e assim torná-la mais alegre. Meus pais, eu e muitos sobrinhos da minha idade íamos para lá todos os finais de semana, feriados e férias.

Como eu era a “titia”, é claro que usufruía algumas vantagens. Uma delas era a de ser a líder do “clubinho”, que era como chamávamos nosso grupo. Quando alguém furava as regras, tinha de sair do “clubinho”.

Hoje vejo que crueldade era fazer isso! Mas não deixava de ser um treino de crescimento e, ao mesmo tempo, um prazer quando readmitíamos um “sócio” expulso. Isso nos permitia perceber que nada na vida é irreversível e que muitas vezes precisamos refletir sobre nossos atos.

Brincávamos vivenciando conflitos, realizando desejos, organizando as regras de uma sociedade. Assim, íamos nos preparando para assumir vários papéis na vida.

O melhor momento eram as viagens. Como nossos pais não tinham carro, viajávamos apertados nos trens da Central do Brasil. Nós, as crianças, tínhamos de ceder o lugar aos passageiros adultos. Então ficávamos em pé sem segurar nos gan-

chos, altos demais para alcançarmos, e brincávamos de equilíbrio. Cada vez que o trem brecava e arrancava, íamos todos para o chão às mil gargalhadas. Quando descíamos na estação, estávamos tontos e tortos. Aí começava a segunda etapa.

Fazíamos as compras de alimentação para o período em que permaneceríamos no sítio, porque a cidade era muito distante. Além de nossas malas de roupas, precisávamos carregar também todas as compras do armazém do português por um percurso de seis quilômetros, que percorríamos a pé.

Éramos dez crianças com idade que variava de 2 a 10 anos.

Meu pai ia à frente e minha mãe atrás, sempre reclamando da sua “pão-durice” e teimosia em não gastar dinheiro com uma charrete que nos levasse ao sítio.

Durante o percurso, cantávamos. Quando chovia, fazíamos uma competição para ver quem atolava mais na lama e se sujava mais. Não sei como a minha mãe permitia isso, pois era ela quem lavava as nossas roupas à mão com água do poço. Nossa rotina era ótima: fazíamos que o faz de conta transformasse as obrigações em diversão.

De manhã era a hora de limpar a casa. Minha mãe não tinha quem a ajudasse, as tarefas eram distribuídas entre todos. O pior trabalho era limpar o banheiro, pois, como não tínhamos água nem luz, ele amanhecia com um cheiro muito ruim.

A primeira brincadeira, então, era para escolher quem limparia o banheiro. Era uma brincadeira maldosa, e os escolhidos acabavam sendo sempre os mais novos. A hierarquia faz parte da vida e a maldade também. Aprendíamos que tínhamos o bem e o mal dentro de nós e, assim, íamos trocando nossos papéis.

Eu sempre lavava a casa inteira e a encerava, porque era a que tinha mais força. Na hora de dar brilho ao chão de ladri-

lhos vermelhos, colocava uma das crianças em cima do escovão a fim de aumentar o peso e deixar o chão mais brilhante. Percorria a casa inteira brincando de automóvel — privilégio das crianças mais novas, que eram as mais leves.

Todos os dias, após a limpeza, íamos buscar água em baldes para manter a casa abastecida. Essa tarefa já era outra brincadeira: apostávamos corrida com as latas cheias e ganhava quem chegasse com mais água. Devo dizer que era difícil haver vencedores.

Cumpridas as tarefas de rotina, era a hora da “caçada”. Todas as noites, meu pai inventava histórias de caçadas e nós ficávamos fascinados. Ele contava dos leões que apareciam no sítio, dos elefantes que ele já havia capturado. Mostrava-nos as suas armas, colocava as botas, o chapéu de palha, imitava os sons da mata que havia atrás da casa. Nós nem piscávamos e mal respirávamos nos momentos de maior emoção. Então, no dia seguinte, íamos em busca do animal da história contada na noite anterior.

Vestíamos nossos trajes de caçador e, como não tínhamos botas, colocávamos as de meu pai e de meus irmãos já adultos. Pegávamos armas de madeira feitas por nós e entrávamos na mata. Mais uma vez, não sei como meus pais deixavam, porque muitas vezes nos perdíamos. Acho que eram atarefados demais e confiavam muito em nossos anjos da guarda.

Nunca conseguimos achar esses animais, mas até hoje eles existem em nossa imaginação e na saudade que ficou no coração.

As tardes eram reservadas para as brincadeiras mais agressivas, tais como mocinho e bandido, guerra de limão podre, guerra de sapatos. Nos dias mais calmos, que eram poucos, construíamos uma cabana na frondosa árvore de fícus que ficava bem em frente da casa. Essa árvore era a sede do clube,

para onde corríamos nos dias de grande ventania e ficávamos montados em seus galhos. Ela se transformava em um grande barco à deriva em um mar tempestuoso e nós éramos os marinheiros que procuravam manter-se equilibrados. Como era empolgante!

À noite, era a hora da música. Tocávamos violão acompanhado por batucada de lata e dançávamos. Tinha a hora do jogo de buraco, quando aproveitávamos a luz fraca de um pequeno lampião de querosene para trapacear no jogo. Havia também o momento do ataque-surpresa, quando, já no meio do sono, iniciávamos uma guerra de travesseiros no escuro. Mais uma vez, não sei como meus pais aguentavam.

Agora que trabalho com pais e crianças, fico angustiada de ver tanta gente que não sabe brincar. Tudo tem de ser certinho, tudo precisa de um porquê, não se pode mais sair às ruas, não se pode mais fazer bagunça.

Nenhum pai é caçador. As crianças não sabem e não querem brincar!

Muitas meninas dizem que brincam de boneca escondidas das amigas, temendo passar por ridículas.

Surgiu então a ideia de escrever este livro. Acredito, parodiando Roosevelt, ser mais necessário investir nas crianças para a construção de um futuro melhor do que investir no futuro para a construção das crianças.

Espero que cada leitor possa me ajudar a salvar nossas crianças. Resgatar a infância também resulta em resgatar o ser humano que existe dentro de cada um de nós, para que possamos sonhar com um futuro de paz, harmonia, respeito, amor, dignidade e progresso.

Afinal, é a partir dos sonhos que tudo começa. Resgatar a infância de nossos filhos é investir no futuro da civilização.

Transcrevo a seguir a redação de uma cliente minha de 10 anos de idade, esperando que possamos atender ao seu pedido.

Socorro, ajude-nos a achar a imaginação

Eu acredito em coisas místicas. Não sei se posso falar sobre isso, pois algumas pessoas não acreditam.

Imagino que na floresta possam viver gnomos, fadas. Em lugares bem longe da cidade pode morar bruxa em uma casa com roda-d'água, coisa escura, uma coisa bem sinistra. Lá morava uma bruxa escondida. Ninguém sabia que ela morava lá.

Ela já tinha sido feliz, mas depois que perdeu a felicidade não queria mais a felicidade de ninguém: só a dela. Ficava feliz tirando a felicidade dos outros.

Ela vivia voando para o castelo dos gnomos e a princesa que morava lá ia passear na floresta, brincar com as crianças daquele lugar.

Lá só tinha crianças e todos eram felizes.

Um dia, a bruxa conseguiu acabar com toda a felicidade das crianças.

Queria que as crianças só acreditassem na realidade, deixassem de brincar, fossem para a escola, se preocupassem com o seu futuro. Essas eram as primeiras crianças que havia nesse lugar e, assim, a bruxa conseguiu fazer com que elas não pudessem dar as suas sugestões ou escolher o que queriam fazer. Então, elas não puderam mais ouvir o canto dos pássaros, as águas do rio a correr, sentir o sol.

Tinham de pensar em como ia ser o seu futuro, que tinham de crescer logo e, portanto, não poderiam mais brincar. Não podiam mais brincar entre si, e é isso que acontece até hoje.

Ninguém pode ter mais liberdade e se divertir, tem de ser do jeito da bruxa.

Ninguém sabe se essa bruxa pensa ou não nas consequências do que fez. Se ela está triste ou feliz. Espero que um dia ela se arrependa e as crianças voltem a ser felizes.

••

1 Brincar para quê?



QUANDO FALAMOS EM BRINCADEIRAS, não falamos somente das crianças, mas também dos animais e de nós mesmos.

Você já percebeu como os adultos interferem nas brincadeiras das crianças?

Isso acontece porque nós, adultos, nos lembramos do modo como brincávamos e queremos que os pequenos adotem as nossas regras, impedindo-os de jogar com suas regras e de criar jogos próprios.

Como brincar é bom! É o melhor remédio para uma criança. A maioria dos pais não imagina até que ponto as brincadeiras ajudam a criança e contribuem para que ela venha a ser um adulto criativo e bem-sucedido.

Brincar também é bom para os adultos e na maioria das vezes não tem efeitos colaterais. Claro que sempre é bom estar atento às brincadeiras de seu filho. Brincadeiras com armas de verdade, objetos ou locais perigosos podem ter um final infeliz. Mas, de modo geral, todo aquele exercício de imaginação faz um bem imenso para a família inteira.

Quando falamos de brincar, precisamos diferenciar primeiramente brinquedo de brincadeira.

Brinquedo é o objeto com o qual a criança brinca: o carrinho, a panela, a boneca, o vaso de cristal, a caneta Mont Blanc, a arma, o travesseiro, o cachorro, o irmãozinho recém-nascido, a fralda que ela cheira, as fezes, enfim, tudo que possa ser uma

representação simbólica do universo infantil. Algo que substitua e represente o objeto real.

Brincadeira é o ato de brincar, a ação lúdica. A ação da criança com os objetos (brinquedos) que a possibilita construir conhecimento, desenvolver habilidades sensoriais e perceptomotoras, elaborar e descarregar conflitos e assim aprender a lidar com as emoções.

A brincadeira é considerada também metacomunicação. Ou seja: nela a criança desenvolve a capacidade de se colocar no lugar do outro e de compreender como esse outro pensa.

O que os especialistas acham

Diversos estudiosos das áreas da educação, da saúde e do comportamento estudaram e ainda estudam a atividade lúdica infantil.

Freud foi o primeiro a descobrir as propriedades psíquicas das brincadeiras, ao observar uma criança de 18 meses interagindo com um carretel de linha. Ela jogava o carretel até uma distância onde não conseguia vê-lo. Diante de sua ausência, expressava tristeza. Logo depois, puxava a linha e o carretel voltava para si, deixando-a extremamente alegre. Fazia o carretel aparecer e desaparecer de seu campo visual repetidas vezes, o que Freud percebeu ser uma brincadeira utilizada para que a criança elaborasse as situações de distanciamento da mãe. O brinquedo permitia que ela jogasse a mãe (carretel) para longe de si, descarregando assim suas fantasias agressivas, e a recuperasse, satisfazendo então o seu amor. A criança era a dona da situação e podia elaborar sua angústia diante de cada afastamento materno, a angústia da separação.

Jean Piaget estuda a brincadeira como algo que pertence à inteligência, estando a serviço da construção do conhecimento. Isso significa que somente agindo sobre os objetos a criança vai